

## A linguagem racista no futebol brasileiro\*

**Carlos Alberto Figueiredo da Silva**

Doutor em Educação Física  
Centro Universitário Augusto Motta, Rio de Janeiro, RJ, Brasil  
Universidade Salgado de Oliveira, Niterói, RJ, Brasil

**RESUMO:** Este ensaio é uma tentativa de redescrever e analisar o processo de construção das representações sociais em relação à inclusão e ascensão dos jogadores negros e mestiços no futebol brasileiro. A noção de habitus de Bourdieu é utilizada inicialmente para tentar compreender o processo de reprodução das representações sociais sobre o racismo, a partir da linguagem da mídia. Há, no entanto, necessidade dos conceitos de Abric, Coulon e Jodelet para fundamentar a análise. Conclui-se que a representação social sobre o racismo no futebol brasileiro sofreu transformações, sobretudo no sistema periférico, desde o início do século; entretanto, elementos do núcleo central anterior ainda estão presentes e se manifestam a partir do momento em que se comparam as críticas que se fazem aos jogadores brancos e as que se fazem aos negros e mestiços. As críticas dirigidas aos brancos focalizam principalmente o atleta, enquanto as que se dirigem aos negros e mestiços focalizam o indivíduo, no sentido de diminuí-lo como pessoa, ou seja, são críticas étnicas.

**PALAVRAS-CHAVE:** racismo, futebol, étnico, Vasco da Gama, representações, esporte, habitus.

### *The racist language in Brazilian football*

**ABSTRACT:** *This essay is offered in the attempt of describing and understanding the process of construction of the social representations in relation to the inclusion & ascension of the black and mestizo players in the Brazilian soccer. The habitus' notion of Bourdieu is used initially to try to understand the process of reproduction of the social representations about racism. There is, however, need of the concepts of Abric, Coulon and Jodelet to complement the analysis. It is concluded that the social representation about the racism in the Brazilian soccer suffered transformations since the beginning of the century; however, elements of the previous central nucleus are still present and they show up starting from the moment one compares the critics that are made to the white players and the ones that are made to the blacks and mestizos. The critics driven to the white players attack mainly the athlete, while the critics that go to the blacks and mestizo players attack the individual, in the sense of decreasing them as person, that is to say, they are ethnical critics.*

**KEYWORDS:** *racism, soccer, ethnic, Vasco da Gama, representations, sport, habitus.*

---

\* Este trabalho foi apresentado como tema livre no VI Congresso Brasileiro de História do Esporte, Lazer e Educação Física - Rio de Janeiro – 1998 e publicado originalmente nos Anais do VI Congresso Brasileiro de História do Esporte, Lazer e Educação Física, Rio de Janeiro: Universidade Gama Filho, 1998, p. 394-406.

## INTRODUÇÃO

Vivenciamos no dia 12 de julho de 1998 mais uma final da copa do mundo. O jogo, cercado de expectativa, apontava um franco favorito: o Brasil. O país inteiro se preparava para comemorar o penta campeonato. Entretanto, muita coisa estava acontecendo nos bastidores.

Os acontecimentos que se deram antes do início da partida indicavam que alguma coisa não corria bem. Ronaldinho não aparecia na escalação fornecida pela FIFA, o time não entrara em campo para fazer o aquecimento e aquilo era sinal de que alguma coisa grave estava em curso. Finalmente, a escalação de Ronaldinho foi confirmada, mas pairava no ar certa inquietação.

A partida começa e o que se vê é um Brasil apático e completamente diferente dos outros jogos. O francês Zidane abre o placar com um gol de cabeça, deixando o time brasileiro atônito. Ao final do primeiro tempo veio o segundo gol; outra vez Zidane de cabeça. O jogo termina com a vitória dos franceses por 3 a 0.

Ao final da partida, as críticas começaram a ser disparadas de todos os lados. Lembro-me que havia saído de carro após o jogo e, como costume fazer, liguei o rádio. A primeira coisa que ouvi foi: “amarelão”. Um comentarista esportivo atacava o jogador Ronaldinho dizendo que ele tinha amarelado.

No dia seguinte ao jogo, o jornal de maior circulação do Rio de Janeiro estampava na primeira página “Ronaldinho amarela antes do jogo e abala a seleção”<sup>(1)</sup>. Como em 1950, as críticas atacavam os jogadores negros e mestiços. Naquela época os crucificados foram Ademir, Jair, Barbosa, Bigode. Os comentários, feitos por uma parcela da mídia, atacavam, principalmente, os jogadores negros e mestiços. Tais críticas diziam que foram covardes, tremeram de medo, entre outras coisas.

O jornal O Estado de São Paulo em 18 de julho de 1950<sup>(2)</sup>, após ter criticado contundentemente o lateral Bigode, diz o seguinte a respeito de Barbosa:

Barbosa por sua vez, pouco trabalho tendo comprometeu seriamente o quadro (...). No segundo ponto, então, sua falha chegou ao cúmulo. Se permanecesse parado onde se encontrava a bola teria batido nele e voltado. Fez, porém, o inacreditável: numa bola atirada sem pretensões,

de situação difícil, atirou-se ao chão quando ela vinha a meia altura. E foi coberto vergonhosamente (p. 9).

Esta crítica utiliza termos que, de forma dissimulada, objetivam diminuir o goleiro Barbosa como pessoa ao dizer que sua falha chegou ao cúmulo, que ele fez o inacreditável, e que foi coberto vergonhosamente. O Diário do Povo<sup>(3)</sup> de 18 de julho diz que Jair se acovardou diante de Obdulio Varela:

Além disso, faltou aos nossos jogadores a flama necessária coisa que sobrou aos nossos adversários. Do naufrágio salvaram-se Zizinho, Bauer, Augusto e Juvenal. Os restantes deixaram-se levar pelo nervosismo e jogaram abaixo da crítica, inclusive Jair, acovardado com a marcação severa do velho Obdulio Varela (p. 6).

É bem verdade que alguns jornalistas da época atentaram para o fato e procuraram defender a honra desses atletas. Geraldo Romualdo da Silva, na edição do Jornal dos Sports de 19 de julho de 1950<sup>(4)</sup> diz que:

Quando o English-Team perdeu, ninguém na Bretanha o taxou de covarde - nem a 'Azzurra' padeceu na Itália a infâmia de ser apontada de desfibrada - afinal de contas em football não se vence antes e no meio, mas depois dos jogos (p. 5).

Em 1950 como em 1998, vários jogadores estiveram muito mal no jogo; entretanto, as críticas dirigidas aos negros e mestiços são diferentes das dirigidas aos jogadores brancos.

Na copa de 1990, por exemplo, Dunga<sup>(5)</sup> foi o grande culpado pela derrota do Brasil, segundo uma grande parte da mídia<sup>(6)</sup> e do público<sup>(7)</sup>. Dunga foi acusado de praticar um futebol que não estava à altura do futebol brasileiro. Seu espírito aguerrido foi questionado. O futebol de Dunga não servia para o Brasil pois era um futebol anglo-saxão, de garra, luta, mas sem brilho e habilidade. Dunga sofreu na pele as críticas ao seu futebol; entretanto, a sua pessoa não foi atacada, desmoralizada ou humilhada. O mesmo não aconteceu com Ronaldinho, Barbosa, Bigode, Rivaldo, entre outros.

Ronaldo não é descendente de europeus como Dunga. Poderiam as críticas dirigidas a ele não se terem limitado ao seu futebol? Será que a revolta de Ronaldo, em relação a

essas críticas, possa ser creditada em razão de elas terem sido dirigidas, sobretudo, à sua pessoa?<sup>(8)</sup> Tais críticas provocaram respostas de Ronaldo.

No jornal O Globo de 14 de julho de 1998, o jogador desabafa e diz: “Não admito que digam que eu amarelei”<sup>(9)</sup>. Parece-me que a reação dos jogadores hoje é de repúdio e indignação a tais críticas. À época de Barbosa os jogadores submetiam-se à culpa que lhes era imposta.

Feita esta introdução, cabe agora a formulação dos objetivos a que se propõe este trabalho.

### **Objetivos**

Este trabalho objetiva, a partir de uma releitura das críticas veiculadas pela mídia, redescrever a questão do racismo no futebol brasileiro. Outrossim, buscar-se-á também discutir se efetivamente houve atenuação do racismo no futebol brasileiro desde o início do século ou se ele apenas tomou outras formas não-conscientes. Finalmente, tentar-se-á discutir e preliminarmente avaliar como são construídas as críticas da mídia em relação ao desempenho dos jogadores negros e mestiços em comparação com as que se dirigem aos jogadores brancos.

### **Hipótese**

A hipótese com a qual aqui se trabalha é que a discriminação racial no futebol brasileiro não está extinta. Antes, propomos que o estigma continua a existir de forma não consciente e pode ser constatado ao se comparar as opiniões de jornalistas quando se referem aos jogadores negros ou mestiços e aos jogadores brancos. As críticas dirigidas aos jogadores brancos, em sua maioria, atacam principalmente o jogador como atleta. No entanto, as críticas dirigidas aos jogadores negros e mestiços, em grande parte, carregam o estigma do racismo e atacam principalmente o jogador como pessoa e não como atleta, ou seja, são críticas étnicas.

A linguagem utilizada nessas críticas é velada, mas traz elementos que apontam diferenças que podem sugerir um comportamento lingüístico racista pela imprensa escrita.

## **Relevância**

A demanda, o interesse e o volume de publicações, bem como de eventos, associações e grupos de estudos sobre sociologia do esporte e história do esporte, não só no Brasil, mostram-nos a importância de redescrevermos e resgatarmos momentos que foram de extrema importância para a formação da identidade do povo brasileiro. Por esta razão, creio que este trabalho seja válido no sentido de discutir a temática do papel da mídia na reprodução do racismo no futebol brasileiro.

## **O CRIME DE BARBOSA**

O curta metragem “Barbosa”<sup>(10)</sup>, baseado no livro de Paulo Perdigão “Anatomia de uma derrota”, mostra de forma magistral os momentos de angústia vividos na final de 50. No filme, Barbosa diz: “eu já pensei naquela bola um milhão de vezes”, como que se ainda estivesse se punindo.

Apesar de ter muitas dúvidas em relação ao evento que passo a descrever, minha interpretação aponta para um episódio em que se manifestou uma discriminação racial contra Barbosa. Em 1993, durante as eliminatórias para a copa do mundo de 1994, nos Estados Unidos, Barbosa quis dar ânimo aos jogadores da seleção brasileira e foi visitá-los na concentração. Entretanto, foi impedido de entrar. O fato foi amplamente divulgado pela mídia. Por que só ele foi impedido de entrar na concentração?

Segundo Galeano<sup>(11)</sup>, Barbosa comentou: “No Brasil, a pena maior por um crime é de trinta anos. Há quarenta e três pago por um crime que não cometi”. Galeano diz ainda que os anos se passaram e Barbosa nunca foi perdoado. Mas qual foi o crime de Barbosa? Perdoar Barbosa de quê? Perdoá-lo por ser negro?

## **A SELEÇÃO DE 1982**

Tida por grande parte da mídia e mesmo pela população como uma das melhores seleções já formadas, esta seleção era constituída na sua maioria por jogadores brancos, universitários, e oriundos da classe média: Sócrates, Zico, Leandro, Valdir Perez, Falcão, Oscar, Eder. Os negros e mestiços estavam reduzidos a 4: Luisinho, Toninho Cerezo, Júnior e Serginho. Por coincidência ou não, esta seleção é até hoje glorificada. As críticas

que surgiram, em momento algum atacaram a pessoa dos jogadores. Por que isso? Será que ninguém “amarelou” no jogo contra a Itália no Sarriá? Entretanto, a derrota foi espetacular.

Este trabalho parte do pressuposto de que existe uma linguagem que reproduz o racismo no futebol, que é construída de forma não consciente. Mas como são construídas as representações sociais pela mídia escrita em relação ao racismo? Vou utilizar inicialmente o conceito de habitus fornecido por Bourdieu, no sentido de dar um primeiro passo para compreender melhor esse processo.

### **HABITUS E REPRODUÇÃO**

Na obra “La reproduction. Eléments pour une théorie du système d’enseignement”, Bourdieu e Passeron (1970) definem a noção de reprodução no campo da educação. Ao se referirem ao processo de inculcação pedagógica que exerce uma violência simbólica, eles dizem que essa reprodução não se dá de forma tranqüila e que esta relação é uma relação de força, na qual a violência está presente, mas é dissimulada pela comunicação pedagógica. Bourdieu indica que a escola transmite a ideologia, o saber e a cultura das classes dominantes e acaba por classificar as classes, tendendo assim a reproduzir esta classificação social existente.

Este processo gera um habitus que é “durável”, “transponível” e “exaustivo”. Assim, o sistema educacional acaba por perpetuar a estrutura das relações de classe. Tal fato se dá também na representação que a mídia cria e repassa para a população no caso do futebol.

O habitus tende então a reproduzir “o sistema das condições objetivas das quais é o produto” (p. 9). O habitus engendra um processo pelo qual a reprodução passa despercebida, pois a comunicação dissimula a relação de poder e a violência simbólica existente nas relações humanas.

Coulon (1995b:151) analisa o conceito de habitus em Bourdieu e diz que “o habitus é um princípio silencioso de cooptação e reconhecimento que opera as classificações”. Poder-se-ia, então, tentar compreender como o racismo é perpetuado silenciosamente, a partir do conceito fornecido por Bourdieu (1970:9) de que o habitus é um conjunto de “esquemas geradores de classificações e práticas suscetíveis de serem classificadas que

funcionam na prática sem ter acesso à representação explícita e são o produto, sob forma de disposições, de uma posição diferencial no espaço social”.

No entanto, o conceito de habitus parece ser insuficiente para compreender como os processos de ruptura ou transformação acontecem na sociedade. De fato, entendo que o habitus faz com que compreendamos a maneira pela qual os valores são reproduzidos. Por um processo silencioso engendrado pelo habitus, os indivíduos compartilham valores que fazem com que se reconheçam e se aglutinem.

Desta forma, geram-se práticas que tendem a reproduzir um conjunto de crenças e valores. Esse conjunto de valores provém de um núcleo central. Entretanto, este conceito, no meu ponto de vista, não dá conta do que se passa no nível periférico de representação.

Quando me refiro ao nível periférico de representação, faço-o no sentido de verificar o que acontece no dia-a-dia, nas interações cotidianas, ou seja, observar os elementos funcionais e não apenas os elementos normativos. Refiro-me aqui aos conceitos de sistema central e periférico das representações sociais em Abric (1994). Diz ele que o núcleo central de uma representação põe em ação os elementos normativos, que são mais rígidos que os elementos funcionais, estes são ativados no sistema periférico. Neste trabalho privilegiarei o enfoque da mídia e como seus atores constroem as representações sobre os jogadores brancos, negros e mestiços no futebol brasileiro.

### **SISTEMA CENTRAL E SISTEMA PERIFÉRICO**

O conceito de habitus em Bourdieu focalizaria então o núcleo central da representação e como diz Coulon (1995b:154): “a onipresença do habitus na sombra de nossas ações cria problema: parece que o ator de P. Bourdieu não é influenciado pelas diferentes aprendizagens a que é submetido. Seu destino parece traçado de antemão”.

Existiria, então, um sistema periférico que complementaria o sistema central (cf. Abric, 1994), e as representações seriam regidas por um duplo sistema que formaria uma entidade única.

Abric (1994) desenvolve uma formulação para a representação social em que privilegia uma distinção operacional entre o sistema central e o sistema periférico, que interpreto como complemento e não como oposição. O sistema central está ligado à memória coletiva e à história do grupo, à consensualidade - que define a homogeneidade do

grupo, à estabilidade - coerência e rigidez, à resistência à mudança; tem a função de gerar a significação da representação e determinar sua organização. Já o sistema periférico permite a integração das experiências e histórias individuais, suporta a heterogeneidade do grupo e as contradições, é flexível - evolutivo e sensível ao contexto imediato, permitindo adaptação à realidade concreta, protegendo o núcleo central.

Creio que na medida em que uma representação se organiza em torno de um núcleo central ela tende a resistir à mudança. E é isto que acontece quando o Brasil perde uma grande competição no futebol. As críticas endereçadas aos jogadores brasileiros se organizam em torno do núcleo central da representação e por isso dificilmente se transformam e acabam resistindo à mudança. Assumo neste trabalho que a representação da mídia escrita sobre os jogadores do futebol brasileiro carrega ainda elementos racistas na sua linguagem, que vêm à tona em grandes derrotas.

Denise Jodelet (1989) entende que uma representação social só se transforma no momento em que o núcleo central é modificado. Esta modificação, segundo ela, pode-se dar de forma brutal, atingindo o núcleo diretamente, ou por uma transformação progressiva, a partir de uma mudança dos elementos periféricos.

No meu ponto de vista, a mudança de uma representação social tende a dar-se lentamente e mesmo que haja uma grande transformação na representação, ela sempre conserva alguns elementos que pertenciam ao núcleo central anterior, que podem ser reativados.

As idéias de Mary Spink poderiam esclarecer mais este meu ponto de vista em relação à atividade do sujeito. Para Spink (1998:120) as representações não só manifestam as tendências do grupo a que estão afiliados os sujeitos, e nesse sentido ela afirma que “as representações sociais são estruturas estruturadas ou campos socialmente estruturados”, mas também expressam a realidade intra-individual, e nesse sentido são estruturas estruturantes.

Ela, na verdade, se apoia em Jodelet (1984) para mostrar que existe transformação social a partir do próprio sujeito nas interações que ele realiza todos os dias no cotidiano de suas atividades, pois existe aí um poder de transformação e criação que está vinculado à sua afetividade, à sua linguagem, às suas relações. Ou seja, as representações sociais precisam

ser remetidas ao contexto em que se dão para que se possa compreender o processo de sua gênese, mas não só a ele. É necessário observar também a perspectiva temporal.

Para Spink (1988:122), a gênese de uma representação pode-se dar num tempo curto, isto é, nas interações do cotidiano; no território do habitus, ou seja, o tempo vivido que abarca o processo de socialização; e no tempo longo do imaginário social. Diz ainda que “estes conteúdos que circulam na sociedade podem ter sua origem tanto em produções culturais mais remotas, constituintes do imaginário social, quanto em produções locais e atuais”. Para ela o contexto não é definido apenas pelo espaço social em que a ação se desenvolve, mas também na perspectiva temporal.

### **O EPISÓDIO DE 1923**

A perspectiva em que vou abordar o episódio de 1923, no qual houve um ataque ao núcleo central das representações sociais da época, procura não reduzir os acontecimentos à questão do racismo, mas faz esta focalização como ponto de apoio para analisar aquele momento histórico.

De fato, o pressuposto do trabalho é que a reprodução do racismo se dá de forma não consciente através das interações diárias, ou seja, em nível periférico, e pode ser constatada na comunicação veiculada pela mídia<sup>(12)</sup>. Entretanto, uma das questões principais é a relação de poder que se estabelece entre o grupo dominante e as forças emergentes. As forças emergentes acabam condicionando as ações a partir do momento em que atingem e modificam o núcleo central de uma representação. Este é um processo lento, quando se verifica, e que sofre muita resistência, pois afeta principalmente a classe hegemônica.

Nos anos 20, o futebol era considerado um esporte das elites. Esta representação era na verdade a representação das classes dominantes. Tanto que os grandes clubes não admitiam jogadores negros e mestiços em seus quadros. Esses jogadores só participavam em alguns clubes do subúrbio carioca, entre eles o Vasco. A diferença entre o Vasco e os outros clubes pequenos era que o Vasco estava preparando suas equipes para desestabilizar a hegemonia dominante. Ao contratar o técnico Ramon Platero, um técnico uruguaio de renome, e implementar um programa de treinamentos revolucionário para a época, buscava um espaço até antes inimaginável pelos outros clubes pequenos. A presença de alguns

jogadores negros nesses clubes era tolerada pela aristocracia, desde que essa presença não incomodasse o poder dos grandes clubes. Derrotar uma equipe composta por mestiços, negros, e brancos pobres era uma maneira de ratificar o poderio da raça branca aristocrática.

Os clubes aristocráticos ao perceberem a força vascaína, principalmente após a conquista do campeonato de 1923, alegaram que os jogadores do Vasco eram profissionais e com isso visavam excluí-los do campeonato de 1924. O futebol na época já era um fato economicamente importante para os clubes. Quantias significativas eram arrecadadas nos jogos realizados. Desta maneira, os jogadores recebiam dinheiro em forma de gratificações. Tais gratificações acabaram por ser incorporadas ao dia a dia do futebol com o nome de “bicho”; isto não se limitava ao Vasco da Gama.

Soares (1998), na sua tese de doutorado, afirma que as medidas que os clubes aristocratas tomaram contra o Vasco não foram racistas. Diz que o objetivo era preservar o ideal ético do amadorismo. Refuta as idéias de vários pesquisadores e principalmente as idéias de Mário Filho que serviram de fonte primária desses pesquisadores.

Esta idéia de que o racismo não foi uma das principais razões que levaram o Vasco a não ingressar na Associação Metropolitana de Esportes Athleticos - que foi criada em 1924 pelos 5 clubes (Flamengo, Fluminense, Botafogo, América e Bangu) que se desligaram da Liga Metropolitana de Desportos Terrestres - pode ser aceita se observarmos a fase de transição entre o mês de agosto de 1923, quando terminou o campeonato carioca daquele ano, e o final do mês de março de 1924.

Durante este período, os grandes clubes do Rio de Janeiro iniciaram um processo que visava a “moralizar” o futebol carioca. O que causa estranheza é que apenas após a vitória do Vasco no campeonato de 1923 os grandes clubes evocaram o espírito amador do esporte. Este discurso, imposto pelos grandes, visava a afastar o Vasco e outros clubes que estavam progredindo e poderiam abalar a hegemonia no futebol do Rio. Assim, implementaram um movimento de “moralização” no esporte. Este movimento, de forma dissimulada, exaltava o espírito amador do esporte, a prática desinteressada do mesmo, entre outras coisas. Inicialmente, a mídia corroborou as idéias dos grandes clubes; entretanto, com o passar dos acontecimentos, as coisas foram se modificando e a tal

“moralização” proposta pelos grandes clubes, revelou-se um artifício que encobria outros interesses.

No dia 8 de março de 1924, o Correio da Manhã noticia que um dos clubes parecia inclinado a não ingressar na AMEA.

O festejado club do Meyer, o S. C. Mackenzie, parece inclinado a tomar atitudes novas, em face do conflito sportivo. Uma grande maioria dos seus sócios, que se vão reunir em assembléia geral no dia 14, está francamente disposta a desligar o club da Metropolitana. E parece que isso vae ser uma realidade (p. 8).

A partir daí, vários acontecimentos vieram a provocar a cisão no campeonato do Rio de Janeiro. No dia 10 de abril de 1924, O Correio da Manhã noticia que “Estourou a Primeira Bomba - o Andarahy A. C. DESFILIA-SE! (p. 6)” O texto jornalístico esclarece melhor.

Começaram já a apparecer as consequencias inevitáveis da falta de critério com que se houve a Associação Metropolitana na organização do seu problemático campeonato de football deste anno. Ellas eram fatores, que ninguém de bom senso póde sancionar determinados dispositivos, que envolvam no seu texto obrigações vexatórias (grifo meu) para quem as tenha de cumprir (p. 6).

Nessa altura, a própria mídia dava sinais de desconfiança nas ações da AMEA. O restante do texto deixa isso mais claro, inclusive chama a comissão organizadora de comissão desorganizadora.

É bem a realidade das coisas. A comissão desorganizadora da nova entidade primou pela escolha de disposições inaceitaveis. Com a camouflage do ‘carater transitorio’ e para atender as injunções de toda sorte, a associação teve a triste necessidade de violar os seus régios estatutos, formando uma série de 10 clubs, quando não podia fazel-o em face da sua própria lei.(...) Arvorados em apostolos da moralidade sportiva, não souberam, entretanto, nem ao menos disfarçar o objetivo das suas idéias. A tal commissão

desorganizadora quer é ‘outrance’, dominar, asphyxiar e mandar. E só (O CORREIO DA MANHÃ, 1924, p. 6).

Os clubes fundadores da AMEA uniram-se e criaram um estatuto que exigia dos clubes não fundadores o cumprimento de inúmeras cláusulas difíceis de serem realizadas, além de exigir comportamentos vexatórios e a eliminação dos jogadores que não atendiam às suas exigências.

Soares (1998) diz que as mudanças ocorridas em 1924 foram em virtude de resgatar o espírito amador do esporte e de moralizar o esporte bretão. No meu ponto de vista, os grandes clubes não podiam abertamente afastar o Vasco por motivos racistas e hegemônicos. O que fizeram então? Buscaram uma estratégia sutil de levar o Vasco e outros clubes, que não interessavam ao poder, a abandonarem a AMEA.

O Vasco da Gama estava disposto no início a fazer parte da AMEA, mas logo interpretou as manobras que visavam a desmoralizá-lo. Uma das exigências era a de que os clubes não fundadores, entre eles o Vasco, não poderiam jogar aos domingos. Logo aos domingos quando a renda era maior. Outra exigência era a de fazer uma investigação social em todos os atletas e só permitir a participação daqueles que se enquadrassem no perfil social da AMEA.

Além destas duas, destaco a exigência do clube possuir um estádio nas condições estipuladas pela AMEA, quando os fundadores já sabiam ser muito difícil para os clubes cumprir tais exigências num curto espaço de tempo.

Para uma equipe de colônia (portuguesa), que havia vencido o campeonato principal do Rio de Janeiro na primeira vez que dele participou, seria importante permanecer junto aos grandes para compartilhar do crescimento que se dava naquela época no futebol do Rio de Janeiro.

Desta maneira, o Vasco tentava se enquadrar nas regras impostas pela AMEA, entretanto, acredito que no momento em que ficou mais claro que o objetivo era dificultar o acesso do Vasco à AMEA, este resolveu não aderir à nova entidade, resolvendo participar do campeonato da antiga Liga Metropolitana de Desportos Terrestres.

O Correio da Manhã, do dia 11 de abril de 1924, diz o seguinte: “Os clubs que se insurgiram agora contra estas humilhações demonstram que têm vontade de dignidade, pois

é preferível á viver no meio do fausto de cabeça baixa, a viver entre os pobres, mas sempre de vizeira erguida” (p. 7).

Outro ponto que talvez não seja definitivo na abordagem de Soares é a valorização do ethos amador do esporte. O jornal Correio da Manhã de 8 de abril de 1924 já dizia que “isso de sport no football, é um idealismo que está muito longe da verdade” (p. 6). Àquela época os clubes necessitavam das rendas dos jogos para desenvolver o futebol. Vejamos o Correio da Manhã do dia 11 de abril de 1924,, um dia depois do Vasco da Gama enviar um ofício à AMEA desistindo de participar de seu campeonato:

As resoluções da Associação Metropolitana, conhecidas hontem e relativas ao próximo campeonato de football, deixaram muito má impressão. (...) A seleção de qualidade no seio de uma corporação é sempre antipathica e odiosa, e se, ao começo de sua vida a associação Metropolitana entra por esse caminho ingrato de separar, frizantemente, sob a mesma bandeira, bons e muito bons, então, ella terá de lutar, permanentemente, com dificuldades extremas (p. 8).

Uma das interpretações que pode ser feita da seleção de qualidade a que o texto se refere é que ela não se limita aos clubes, mas atinge também os jogadores. Por esta razão o Vasco da Gama encaminhou o seguinte ofício à AMEA:

Rio de Janeiro, 7 de abril de 1924 (Ofício no. 261)

Exmo. Sr. Arnaldo Guinle, M. D. presidente da Associação Metropolitana de Esportes Athléticos.

As resoluções divulgadas hoje pela imprensa, tomadas em reunião de ontem pelos altos poderes da Associação a que V. Exa. tão dignamente preside, colocam o Clube de Regatas Vasco da Gama em tal situação de inferioridade que absolutamente não pode ser justificada nem pela deficiência do nosso campo, nem pela simplicidade da nossa sede, nem pela condição modesta de grande número dos nossos associados. Os privilégios concedidos aos cinco clubes fundadores da AMEA e a forma como será exercido o direito de discussão e voto, e as futuras classificações, obriga-nos a lavrar o nosso protesto contra as citadas resoluções. Quanto à condição de eliminarmos doze (12) jogadores das nossas equipes, resolve por unanimidade a diretoria do Clube de Regatas Vasco da Gama, não a dever aceitar, por não se conformar com o processo por que foi feita a investigação das posições sociais desses nossos con-

sócios, investigações levadas a um tribunal onde não tiveram nem representação nem defesa. Estamos certos que V. Exa. será o primeiro a reconhecer que seria um ato pouco digno da nossa parte sacrificar ao desejo de filiar-se à AMEA alguns dos que lutaram para que tivéssemos entre outras vitórias a do Campeonato de Futebol da Cidade do Rio de Janeiro de 1923. São esses doze jogadores jovens quase todos brasileiros no começo de sua carreira, e o ato público que os pode macular nunca será praticado com a solidariedade dos que dirigem a casa que os acolheu nem sob o pavilhão que eles com tanta galhardia cobriram de glórias. Neste termos, sentimos ter de comunicar a V. Exa. que desistimos de fazer parte da AMEA. Queira V. Exa. aceitar os protestos de consideração e estima de que tem a honra de se inscrever de V. Exa.

Att. Obrigado. Dr. José Augusto Prestes Presidente.

A vitória do Vasco da Gama em 1923 foi um ataque direto ao núcleo central das representações sociais daquela época. O núcleo central estava carregado com idéias de eugeniação, higienização, “ethos amador”, “pureza”, que o “sport” era apenas para aqueles que socialmente faziam jus a ele. Entretanto, no sistema periférico, ou seja, nas bordas que protegiam este núcleo central, já se manifestava uma mudança no futebol carioca. Desta forma, na periferia<sup>(13)</sup> da cidade do Rio de Janeiro, ou seja, nos subúrbios, os clubes já permitiam jogadores negros em seus quadros. Gerou-se então uma crise de tamanha proporção que dois campeonatos foram realizados no Rio de Janeiro no ano de 1924. Um deles organizado pela AMEA e o outro pela antiga Liga Metropolitana de Desportos Terrestres. Os jornais noticiaram que jamais houvera tamanho reboliço no futebol do Rio de Janeiro.

Nunca tivemos férias sportivas tão barulhentas nem tão cheias de acontecimentos. Em menos de dois meses, o football carioca esteve mais agitado do que em todos os longos annos de sua existência. A principio tivemos, como teve, de resto, toda gente, a loura illusão de que o movimento revolucionário ia melhorar o sport.(...) E fez-se de um golpe de força a Associação Metropolitana, essa pomposa entidade para a qual o hyperbolismo de um cérebro doentio, arranhou as iniciaes que formam a palavra amé-a...(...) As doces illusões que o sport alimentava desfizeram-se sôpro das primeiras realizações. Tudo que era uma promessa transformou-se na expressão do mesmissimo interesse financeiro e egoistico que os movia, annos atrás, no meio daquelles que a severidade exterior procura agora, hostilizar por todos os modos.(...) Agora, o que

julgamos ter sido uma infelicidade inaudita, foi essa coisa de admittirem A. B. C. D. e E. para depois, sem cerimonia. e cynicamente, impôr condições absurdas e inaceitaveis como que procurando um meio de enxotar o Vasco e o Andarahy” (O CORREIO DA MANHÃ, 17 de abril de 1924, p. 7).

Não considero a verdade como algo a ser descoberto, provado, e que esteja pronto e acabado. É algo que está sempre em processo de interpretação. Mas afinal, como saber o que realmente aconteceu entre 1923 e 1924? Como saber quais eram os interesses envolvidos? Como saber quais eram as relações de poder? Quais eram as representações? Creio que não há possibilidade de se descrever o real (com R maiúsculo) e a verdade (com V maiúsculo), pois este real é relacional. Ele é uma descrição intersubjetiva daqueles que vivenciaram o momento e daqueles que o redescreveram.

Podemos sim tentar redescrever a história e sempre, e apenas, e somente, redescrevê-la. Escrever a história ou descobri-la penso ser um sonho positivista. A verdade pode ser descoberta? Ela é objetiva? Creio que esta maneira de pensar a verdade é um tanto quanto reducionista, no sentido de que só a compreende como resultado de uma objetividade comprovada cientificamente. Um segundo modo de ver a verdade é entendê-la como um produto da consciência do indivíduo. Neste caso, acredito ser também uma maneira reducionista de compreendê-la. A verdade seria intrínseca ao sujeito, seria uma crença subjetiva.

Penso haver outras maneiras de compreender a verdade. Esta seria uma construção, criada a partir das interpretações dos atores sociais. Não seria então descoberta ou produto da consciência humana, mas criada através das interpretações que são construídas pelos sujeitos.

A hipótese fornecida por Soares de que a história construída pelo Vasco foi uma trama com o objetivo de criar uma imagem positiva do clube junto aos seus torcedores, e que o episódio de 1923 nada teve a haver com a questão do racismo, e, ainda, que o principal motivo do Vasco ter sofrido uma série de exigências para permanecer na AMEA foi a manutenção do ethos amador do esporte, é uma tentativa de redescrever a história. Isto vem corroborar a idéia de que a história é construída, é reescrita, é uma interpretação. Assim, deixa de ter um caráter normativo para ter um caráter interpretativo.

O discurso dos anos 20 permite outras leituras que demonstram que a verdade não é definitiva. A história, no meu ponto de vista, é construída a partir das argumentações, dos pontos de vista, das interpretações. Não é uma cena estática, que buscamos captar e, a partir daí, escrever; mas uma cena dinâmica que procuramos interpretar.

Desta maneira, a rede interpretativa que procuro delinear neste trabalho é que a questão racial não foi lateral como diz Soares e sim uma das principais fontes (não a única) para a crise que se instalou no futebol carioca daquela época. Soares se apóia na falta de elementos empíricos que ratifiquem a hipótese de racismo e por isso sua interpretação a coloca como uma questão lateral.

De fato, os jornais da época (como os de hoje) não utilizavam uma linguagem direta e por esta razão há necessidade de se realizar uma análise das metáforas aplicadas para redescrevermos o processo de discriminação silenciosa. O Correio da Manhã do dia 8 de abril de 1924 ao dizer que “da Amea só fará parte o elemento são, puro” (p. 7), refere-se a comentários dos dirigentes da nova entidade. De que maneira poderíamos interpretar esta colocação? A princípio, interpretei esta frase como uma tentativa de eugeniização do futebol carioca, que de certa forma acompanhava o movimento eugênico da medicina social no Rio de Janeiro.

### **A DISCRIMINAÇÃO RACIAL NO FUTEBOL BRASILEIRO ELEMENTOS DO SISTEMA CENTRAL E DO SISTEMA PERIFÉRICO**

Considero que o racismo no futebol brasileiro chegou ao clímax com a proibição ao Clube de Regatas Vasco da Gama de participar do campeonato carioca de 1924. A reação do Vasco em não aceitar as imposições dos grandes clubes poderia ser compreendida como uma manifestação mais organizada daquilo que já se manifestava na periferia.

A recusa do Vasco em ingressar na AMEA foi um ataque direto ao núcleo central da representação social daquela época, o que gerou uma crise. Esta representação estava ligada ao sistema central - entendido aqui na acepção de Abric (1994). Entretanto, a modificação da representação social não se deu imediatamente. De fato, a transformação desta representação ainda não se deu no futebol brasileiro.

Para ratificar esta hipótese, elenquei algumas das representações manifestadas pela mídia brasileira. O racismo se manifesta mais claramente no momento em que se faz uma

comparação entre as críticas que são dirigidas aos jogadores negros e mestiços e aos jogadores brancos. Segundo dados de que disponho, as críticas que são dirigidas aos jogadores brancos, em sua maioria, referem-se ao atleta. Entretanto, as que são dirigidas aos jogadores negros e mestiços atacam sobretudo o sujeito e não o atleta. Este processo é dissimulado pela comunicação imposta pela mídia, o que Bourdieu (1970) já havia constatado na comunicação pedagógica em relação à reprodução da ideologia. Assim, entendo que esta comunicação acarreta uma perpetuação do racismo de forma não consciente.

Apesar de já se terem passado muitos anos desde o episódio de 1923, as transformações que ocorreram nas representações sociais sobre o racismo ainda conservam elementos do núcleo central anterior, que vêm à tona no momento de uma derrota da seleção brasileira.

## CONCLUSÃO

Tentei neste trabalho redescrever e compreender o processo de reprodução do racismo no futebol brasileiro. Aduzi que este processo pode ser explicado em parte pelo conceito de habitus fornecido por Bourdieu. Entretanto, no meu ponto de vista, o conceito de habitus não dá conta dos processos de transformação que acontecem em nível periférico, ou seja, o conceito de habitus prende-se principalmente ao núcleo central das representações sociais.

Para Coulon (1995b:154) “o habitus parece ser como uma totalidade construída uma vez por todas, e parece funcionar como um operador estável e definitivo”. Creio que o processo de representações sobre os jogadores de futebol do Brasil tem origem no território do habitus.

Entretanto, no dia-a-dia os atores sociais estão protegendo o núcleo central dessas representações ao corroborarem as representações da mídia. A linguagem, como diz Rorty (1992), é causativa e não apenas representa ou expressa a realidade. Ao dizermos, ou ao repetirmos o que os outros dizem, estamos criando uma verdade contingente, uma realidade, uma discriminação, que não será extinta a não ser que deixemos de refletir como um espelho e passemos a refletir para dentro, ou seja, a refletir sobre nós mesmos e sobre nossas palavras e ações.

## REFERÊNCIAS

- ABRIC, Jean-Claude. 1994. "Méthodologie de recueil des représentations sociales". IN: J. C. ABRIC (org). **Pratiques sociales et représentations**. Paris: Presses Universitaires de France.
- ABRIC, Jean-Claude. 1996. **Exclusion sociale, insertion et prevention**. Sanit Agne, Editions Erès.
- BOURDIEU, Pierre. & PASSERON, J-C. 1970. **La reproduction**. Eléments pour une théorie du système d'enseignement. Paris, Editions de Minuit.
- BOURDIEU, Pierre. 1983. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro, Marco Zero.
- COULON, Alain. 1995a. **Etnometodologia**. Petrópolis, RJ, Vozes.
- COULON, Alain. 1995b. **Etnometodologia e educação**. Petrópolis, RJ, Vozes.
- GARFINKEL, Harold. 1992. **Studies in Ethnometodology**. New York, Blackwell Pub.
- JODELET, Denise. 1984. **Réflexion sur le traitement de la notion de représentation sociale en psychologie sociale**. Paris, Communication information, VI (2/3): 15-41.
- JODELET, Denise. 1989. **Représentations sociales: un domaine en expansion**. Paris, PUF.
- MOSCOVICI, Serge. 1995. Reflexions à propos de representations sportives. In: **Quel Corps - Critique de la Modernité Sportive**. Paris, Editions de la Passion, p. 179-194.
- RORTY, Richard. 1992. **Contigência, ironia e solidariedade**. Lisboa, Editorial Presença.
- SOARES, Antonio J. G. 1998. **Futebol, Raça e Nacionalidade no Brasil: releitura da história oficial**.(Tese de Doutorado). Rio de Janeiro: PPGEF/UGF.
- SPINK, Mary Jean. 1998. "Desvendando as teorias implícitas: uma metodologia de análise das representações sociais". In:...Guareschi, Pedrinho A. & Jovchelovitch, Sandra (orgs.). **Textos em representações sociais**. Petrópolis, RJ, Vozes, 1998.
- VOTRE, Sebastião Josué (org.). 1996. **A representação social da mulher na educação física e no esporte**. Rio de Janeiro, RJ, Editoria Central da Universidade Gama Filho.

## NOTAS

- (1) JORNAL O DIA. Primeira página. 13 de julho de 1998.
- (2) O ESTADO DE SÃO PAULO. 18 de julho de 1950. Página 9.

(3) O DIÁRIO DO POVO. 18 de julho de 1950.

(4) JORNAL DOS SPORTS. 19 de julho de 1950. Página 5.

(5) “Já era Dunga. Não deu certo a tentativa de esquematizar o futebol brasileiro, abrindo mão do talento natural e do improviso, em benefício de um padrão mais rígido, de marcação, ao estilo europeu, acabou na desclassificação (...) A Era Dunga não chegou (...) O proveito da derrota passa pela necessidade do reexame desses conceitos de futebol-força” (O DIA, 25/06/90, página 3).

(6) “(...) mas fazer gol é uma arte que a nossa seleção não domina. Basta dizer, que estivemos mais próximos do gol, através de uma cabeçada de Dunga. De Dunga! - vejam vocês” (Sergio Cabral, jornalista - O DIA - 25/06/90, página 10).

(7) “O Brasil sempre foi uma das grandes forças do futebol. Não somos nós que temos de mudar, copiar esquemas de jogo dos europeus. Pô, Dunga e Alemão no mesmo time é demais” (Ricardo Marozzi - opinião popular publicada no jornal O DIA de 25/06/90, p. 8).

(8) Observem a paródia da música Conceição. “Convulsão. Para ser cantado imitando Cauby Peixoto: Convulsão/ eu não me lembro muito bem./ Eu fui para o campo jogar/ mas acho que não joguei bem./ Foi então que Suzana apareceu/ e olhando para mim a sorrir/ me chamou de babão e que ia sumir./ Se sumiu, ninguém sabe, ninguém viu/ só sei que minha bola murchou/faz tempo que não meto um gol/ só eu sei como é chato ser amarelão./ E agora eu dou um milhão/ pra não ter outra vez convulsão” (O DIA, 23/07/98, colunistas).

(9) JORNAL O GLOBO. Caderno de Esportes, p. 39. 14 de Julho de 1998.

(10) BARBOSA. Curta metragem (13 min.). Direção Jorge Furtado e Ana Luiza Azevedo. Casa de Cinema de Porto Alegre.

(11) GALEANO, Eduardo. Barbosa, o injustiçado. página da web <http://www.futbrasil.com/causo14.html>.

(12) Arthur da Távola atenta para o papel da mídia na reprodução do racismo em sua crônica Barraco é lugar de gente honrada. “Há palavras reacionárias, como há palavras e frases racistas, embora corriqueiras e até populares. Dizer: ‘A situação está preta’ é racista. Dizer ‘judiar’ no sentido de maltratar, também é racista. Isso é sabido mas nem sempre praticado. Hoje, que os jornais em boa hora festejam a contratação de mestres do idioma, para ensinarnos a falar e a escrever, convoco-os para, além do que fazem, abordarem o tema do conteúdo de certas palavras e gírias. Digo mais: a ideologia. Anda em moda, neste verão, a expressão ‘barraco’ para significar, ‘bate-boca’, ‘baixaria’, ‘gritos’. É uma gíria proveniente dos setores de elite (grifo meu) e com o inciente apoio dos meios de comunicação, a julgar pela freqüência com que é usada nos diálogos da telenovela Por Amor. Na NET, inclusive, num daqueles ‘quinhentos’ canais, há um programa de debates com jovens, cujo nome é: ‘Barraco’. Apaixonado por gíria, embora, recuso-me a adotar essa expressão, a usá-la, repeti-la, divulgá-la. Digo mais, condeno-a. Barraco é moradia de pobre. E pobre é gente honrada. Os barracos brasileiros têm tanta educação quanto as casas ricas ou remediadas. Barraco é lugar de gente trabalhadora e digna. E se por lá há, eventualmente, briga, bate-boca, a algazarra é caso isolado e não fica atrás do que acontece também no meio de gente rica. Chamar ‘baixaria’ de barraco é ofender o povo. Em tempo; lembro que Jesus Cristo nasceu na manjedoura, vale dizer uma forma de ‘barraco’ abrigou aquela Família, em sua santa peregrinação salvadora” (O DIA, 01/02/98, colunistas). E Amarelão?

(13) No caso, periferia trata-se dos subúrbios do Rio de Janeiro. Por coincidência, em relação à teoria das representações sociais, a periferia do Rio poderia analogamente ser considerada como fazendo parte do sistema periférico.